

## A presença da lógica do favor na trajetória da personagem Lalau em Casa Velha

### The presence of favor logic in the trajectory of the character Lalau in Casa Velha

#### RESUMO

**Júlia Vitória Ferreira Melão**  
[juliamelao@alunos.utpr.edu.br](mailto:juliamelao@alunos.utpr.edu.br)  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil

**Marcos Hidemi de Lima**  
[marcoshidemilima@gmail.com](mailto:marcoshidemilima@gmail.com)  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil

Um dos aspectos marcantes na narrativa machadiana diz respeito a temática da ascensão social via casamento dentro de uma sociedade oscilando entre os valores da família burguesa, as velhas práticas da ordem patriarcal, bem como o embate entre classes socioeconômicas diferentes. O objetivo deste artigo é por meio da personagem Lalau mostrar como tais aspectos se manifestam em *Casa velha*, narrativa de Machado de Assis (1885). E como a presença do favor é determinante para os resultados acerca da trajetória da jovem. A partir da compreensão da concepção da lógica do favor por Roberto Schwarz, pretendo desenvolver uma discussão acerca do processo que consolidou a camada de “homens livres”, bem como o que significava a eles a sobrevivência na sociedade oitocentista. Para tanto partirei da análise da trajetória da protagonista, Lalau e do núcleo que a envolve no desenrolar da narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ordem Patriarcal, favor; *Casa velha*.

#### ABSTRACT

**Recebido:** 19 ago. 2019.

**Aprovado:** 01 out. 2019.

**Direito autorial:** Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



One of the striking aspects of Machado's narrative concerns the theme of social ascension via marriage within a society oscillating between the values of the bourgeois family, the old practices of the patriarchal order, as well as the clash between different socioeconomic classes. The purpose of this article is through the character Lalau to show how these aspects manifest themselves in *Casa Velha*, narrated by Machado de Assis (1885). And as the presence of favor is decisive for the results about the trajectory of the young woman. From the understanding of the conception of the logic of favor by Roberto Schwarz, I intend to develop a discussion about the process that consolidated the layer of “free men”, as well as what meant to them the survival in the nineteenth century society. For this I will start from the analysis of the trajectory of the protagonist, Lalau and the nucleus that surrounds her in the unfolding of the narrative.

**KEYWORDS:** Patriarchal Order, favor; *Casa velha*.

## INTRODUÇÃO

Ainda que a obra machadiana seja analisada por muitos estudiosos, há textos do escritor pouco estudados pela crítica literária. É o que se sucede, por exemplo, com o romance ou novela (não se pretende efetuar a discussão dessa nomenclatura) *Casa Velha*, cuja publicação se deu, inicialmente, em forma de folhetim na revista carioca *A Estação*, entre janeiro de 1885 a fevereiro de 1886. No entanto, este livro pouco estudado ainda levanta muitas discussões, tal como aponta Luiz Roncari:

Casa Velha é um livro que levanta muitas discussões, tanto acerca de seu gênero, se é conto, novela ou romance, como do período em que foi escrito; ele destoa muito dos romances do autor do tempo da publicação do folhetim e apresenta pontos comuns com os considerados da primeira fase, ou seja, os anteriores ao Brás Cubas. (RONCARI, 2015, p. 209)

Dentro do mesmo teor dos comentários acima, o crítico inglês John Gledson (1986) sugere que a narrativa machadiana reúne elementos do Realismo. Para ele, os romances maduros do escritor estão dispostos em duplas, um arranjo feito pelo ficcionista com o intuito de refletir sobre a História do Brasil. Ao considerar *Casa Velha*, como obra madura de Machado, Gledson indica que essa narrativa faria parte dos romances da “segunda fase” do romancista, isto é, na fase madura da produção literária de Machado, distinguindo-a dos romances produzidos antes de 1880. Noutras palavras, Machado descobre que, para escrever a respeito do universo da oligarquia, mister era penetrar nele, haja vista que penetrar nos meandros da ordem patriarcal requer “abordagens mais profundas”. Neste sentido, como em tantos outros, *Casa Velha* está bem mais próximo de Dom Casmurro, no qual Machado penetra na mente de um membro pleno da oligarquia, que colabora para sua própria destruição e de sua família.

Baseando-se nas hipóteses elencadas por Gledson, é possível afirmar que a trama apresenta consideráveis semelhanças com os primeiros romances machadianos, todavia traz a pitada fundamental daquele Machado mestre em fazer profundas sondagens psicológicas. No entanto para John Gledson, os primeiros romances apresentariam simples conflitos amorosos, enquanto que em *Casa Velha* a trama apresentaria linhas com “inesperadas complexidades de significado” (GLEDSON, 1986, p. 40). Para ele, os romances de Machado “refletem verdades históricas” e *Casa Velha* seria a “primeira tentativa de Machado de dar forma, [...], a uma complexa situação histórica” (GLEDSON, 1986, p. 24-25). Como muitas das personagens femininas de Machado, Lalau é uma personagem complexa e cheia de significações. Sob uma perspectiva de interpretação que se vale do pano de fundo da história, a jovem nasceu em 1822, ano da Independência do Brasil, e se tornou órfã em 1831, ano do fim do Primeiro Reinado. De acordo com Gledson (1986) essas datas remetem a “Independência do Brasil e do fim do Primeiro reinado e podem sugerir uma identificação com o próprio Brasil – ideia que não é nova na ficção de Machado” (GLEDSON, 1986, p. 41).

## DISCUSSÃO

*Casa Velha* é narrada em primeira pessoa por um cônego que até então “desperdiçara algum talento em décimas e sonetos, muitos artigos de periódicos, e alguns sermões, que cedia a outros, depois que reconheceu que não tinha os dons indispensáveis ao púlpito” (ASSIS, 2001, p. 3). Diante disso, ao ler as

Memórias que o Padre Luís Gonçalves dos Santos escreveu do tempo do rei e achá-la mediócras, o narrador de *Casa Velha* decide escrever sobre a formação do Primeiro Reinado no Brasil (1822-1831), “quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer cousa melhor” (ASSIS, 2001, p.3). Para realizar tal propósito, ele inicia uma investigação na casa de um falecido ex-ministro à procura de evidências que fundamentem sua história. Diante disso, o padre é apresentado a Félix, filho do ex-ministro e residente da Casa Velha, “um moço de vinte anos mais ou menos, simpático, fisionomia meiga e franca” (ASSIS, 2001, p. 4). Além do filho, reside na casa Dona Antônia, proprietária da casa e viúva do ex-ministro, tal como o cônego narrador a apresenta:

D. Antônia governava esse pequeno mundo com muita discrição, brandura e justiça. Nascera dona de casa [...], mas foi criada no Rio de Janeiro, naquela mesma Casa Velha, onde casou, onde perdeu o marido e onde lhe nasceram os filhos – Félix, e uma menina que morreu com três anos. [...] mãe de D. Antônia, quem deu a esta a pontazinha de orgulho, que se lhe podia notar, e quebrava a unidade da índole desta senhora, essencialmente chã. [...] D. Antônia era antes baixa que alta, magra, muito bem composta, vestida com singeleza e austeridade; devia ter quarenta e seis a quarenta e oito anos. (ASSIS, 2001, p. 6)

Como se evidencia no trecho acima, o narrador permite ao leitor que adentre na mais profunda intimidade do grupo familiar, haja vista que motiva seu projeto “a necessidade de captar toda a afeição da casa” (ASSIS, 2001, p. 6). E participou ativamente de assuntos familiares, como quando D. Antônia depois de o padre dizer-lhe que estimava ir a Europa e talvez fosse daí a meses, acabou pedindo para que ele persuadisse o filho a ir com ele ou quando Félix confiou sua vontade de ser deputado estritamente ao padre.

Ainda havia a agregada da Casa, protagonista da narrativa, se não nasceu ali, ali foi criada e tratada sempre por Dona Antônia, “chamava-se Cláudia; Lalau era o nome doméstico. Não tendo pai nem mãe, vivia em casa de uma tia. Quase se pode dizer que nasceu na Casa Velha, onde os pais estiveram muito tempo como agregados” (ASSIS, 2001, p. 15).

Lalau é uma jovem independente e destemida. Apesar de sua ingenuidade, é muito decidida, uma vez que é descrita pelo narrador ora como menina, ora como mulher – em alguns momentos tinha atitudes de menina levada, “andava atrás do pavão, em vez de estar à mesa conosco” (ASSIS, 2001, p. 15) e em outros tinha postura de uma mulher decidida ao ter certeza de que queria “não depender de ninguém” (ASSIS, 2001, p. 54).

Além disso, a jovem se contrapõe ao tradicionalismo retratado na narrativa; casa, hábitos e pessoas exalavam um cheiro de vida clássica, como sugere o cônego ao destacar que, “onde os dias, ao contrário de um rifão peregrino, pareciam-se uns com os outros; as pessoas eram as mesmas, nada quebrava a uniformidade das cousas, tudo quieto e patriarcal” (ASSIS, 2001, p. 5).

O núcleo dramático de *Casa Velha* centraliza-se no amor de Félix e Lalau, dois jovens de classes sociais diferentes, que não podem ficar juntos justamente por esse motivo. Acerca dessas relações sociais, Roncari aponta:

Em síntese, para mim, Machado procurou nesse livro retratar na sua totalidade as principais relações sociais vividas no país, só que agora isoladas no microcosmo de uma Casa Grande [...] aí ele pôde apreciar a vida e o funcionamento de uma família patriarcal, extensa e com as suas duas faces imbricadas: a privada, do idílio familiar, e a pública, do poder de favores e violência social e política. (RONCARI, 2015, p. 210)

D. Antônia não se apetece com a relação entre seu filho e Lalau, criando, em razão disso, algumas situações que visam separá-los. O narrador observa esse fato quando a matriarca lhe pede para que o filho o acompanhasse à Europa.

Há de parecer singular que não me lembrasse logo do pedido de D. Antônia para que o filho me acompanhasse à Europa, e o não ligasse a este amor nascente: lembrei-me depois. A princípio, vendo a afeição com que ela tratava a mocinha, cuidei que os aprovava. Mais tarde, quando me recordei do pedido, acreditei que esse amor era para ela o remédio ao mal secreto do filho, se algum havia, que me não quisera revelar. (ASSIS, 2001, p. 20)

Não obstante, D. Antônia releva ao narrador que existira uma suposta consanguinidade entre Félix e Lalau. A alegação implica o próprio marido. De acordo com D. Antônia, o ex-ministro teria tido um caso com a mãe de Lalau, e ela seria fruto disso. Consequentemente, os jovens não poderiam ficar juntos. Porém, o leitor que acompanha o cômico-narrador percebe que se trata apenas de mais uma tentativa da matriarca de separar os jovens:

– D. Antônia negou-me tudo a princípio, mas acabou confessando o que ninguém poderia então supor. Ela ignorava os amores do marido; inventara a filiação de Lalau, com o único fim de obstar ao casamento. Confessou tudo, francamente, alvoroçada, sem saber de si. Creio que, se repousasse por algumas horas, não me diria nada; mas apanhada de supetão, não duvidou expor os seus atos e motivos. A razão é que o golpe recebido fora profundo [...] (ASSIS, 2001, p. 58-59)

Neste sentido, a narrativa machadiana em *Casa velha* põe em cena a situação do incesto, com o fim evidente de “mostrar os extremos a que irá a família (ou classe) para impedir elementos estranhos de se casarem com um de seus membros” (GLEDSON, 1986, p. 47)

A despeito disso, o cômico pontua o cerne da questão da distância social entre os jovens, quando reflete sobre Lalau ser admitida na intimidade da família e até mesmo ter sido a matriarca que lhe deu a educação:

Daí a intimidade desta mocinha, que chegava a infringir a ordem austera da casa, não indo para a mesa com a dona dela. Lalau andava na própria sege de D. Antônia [...] D. Antônia cuidou de lhe completar a educação; sabia ler e escrever, coser e bordar; aprendia agora a fazer crivo e renda (ASSIS, 2001, p.15)

Mas casar com filho de ministro e aspirante de ministro revela-se improvável, visto que, no decorrer da narrativa, D. Antônia confirma a hipótese do cômico de que a história do incesto era falsa quando ele a questiona em uma conversa rotineira, e ela deixa explícito o seu desgosto ao mostrar com bastante clareza seus preconceitos de classe:

[...] – Quer ouvir por que razão não podem casar? Porque não podem. Não lhe nego nada a respeito dela; é muito boa menina, dei-lhe a educação que pude, não sei se mais do que convinha, mas, enfim, está criada e pronta para fazer a felicidade de algum homem. Que mais há de ser? Nós não vivamos no mundo da lua, Reverendíssimo. Meu filho é meu filho, e, além desta razão, que é forte, precisa de alguma aliança de família. Isto não é novela de príncipes que acabam casando com roceiras, ou de princesas encantadas. Faça-me o favor de dizer com que cara daria eu semelhante notícia aos nossos parentes de Minas e de S. Paulo? [...] mas nesse caso que mal há em casar com o Vitorino? Filho de segeiro não é gente? (ASSIS, 2001, p. 33)

Como a narrativa deixa evidente, Lalau havia recebido a educação da matriarca da família e havia crescido como se fosse filha. Porém, ao demonstrar que gostaria de casar com Félix, Lalau sinalizou desconhecer a forte hierarquia na família, por pertencer à camada dos que não tem nada seu, indigna de sequer pensar ou pleitear um matrimônio com o filho-família. Para Félix a possibilidade de um casamento entre iguais – isto é, da mesma classe socioeconômica que ele – surge na figura de Sinhazinha, neta de baronesa, “era o oposto de Lalau, maneiras pausadas, atitudes longamente quietas; não tinha nos olhos a mesma vida derramada que abrangia todas as cousas e recantos, como os olhos da outra” (ASSIS, 2001, p. 40).

Isto posto, apesar da educação da menina ter advindo da chefe da família, ela continuava sendo apenas uma agregada, ou seja, dependia indiretamente da matriarca. Lalau, ocupa a classe daquelas pessoas que eram livres e dependentes, uma vez que ela não pertence à ordem senhorial, tampouco é uma escrava. Há que se observar que competia à população escrava exercer a atividade produtiva, porque o trabalho era considerado algo indigno, obrigando o contingente de homens livres (entre quais a espezinhada Lalau se inscreve) comum no Brasil oitocentista, a buscar opções de dignidade pelo meio indigno da troca de favores e interesses com os ocupantes da classe senhorial. Ao discutir a lógica do favor, Roberto Schwarz (2000) esquematiza como o favor surgiu na sociedade brasileira. Segundo ele, tal lógica deriva do processo de colonização que, no Brasil, produziu com base no monopólio três classes de população: o latifundiário, o escravo e o “homem livre”, na verdade dependente como se depreende da citação abaixo:

Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre essas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em consequência, por este mesmo mecanismo. Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força (SCHWARZ, 2000, p.16)

No que tange à prática geral do favor, Roberto Schwarz no capítulo “As ideias fora do lugar” de Ao vencedor as batatas (2000) trata a respeito do mecanismo do favor que regeu a vida social no Brasil-colônia entre a classe proprietária e a multidão livre, mas dependente da primeira. A camada patriarcal e senhorial se instaura, de certa forma, a cultura do favor na nossa sociedade, isto é, abre flancos pelos quais os homens livres possam postular algumas de suas necessidades, ou seja, para que essa prática tenha sucesso, requer-se que o dependente se anule. Inserida nessa camada intermediária, apesar de ser favorecida por momento de arbítrio que de acordo com Schwarz é da natureza do favor, Lalau ainda assim não era livre, suas vontades eram ínfimas quando comparadas às de D. Antônia. Para Schwarz, ao legitimar o arbítrio por meio de alguma razão “racional”, o favorecido conscientemente engrandece a si e ao seu benfeitor, “vivia do que esta lhe dava, e não lhe dava pouco; em compensação amava sinceramente a casa e a família” (ASSIS, 2001, p. 15).

Os chamados “homens livres” por Schwarz, para fugirem à miséria e uma existência periférica, pois o trabalho naquela sociedade era considerado depreciativo, identificavam-se apenas com aqueles de uma classe superior por meio da bajulação e obediência. Ou seja, as ações subalternas de Lalau, agregada, servem para a família se sentir valorizado econômica e socialmente, e por esse

motivo é possível notar o afeto da matriarca pela agregada, que persiste, até que os laços são rompidos pela própria Lalau. No entanto D. Antônia como uma resposta a essa necessidade de permanência social dentro de uma sociedade hierárquica “deseja a moça de volta na Casa Velha, logo que Félix está bem casado, mesmo depois de insinuar que Lalau é filha ilegítima de seu marido” (GLEDSON, 1986, p. 47).

### CONCLUSÃO

Em vista do que foi apresentado procurou-se, além de resgatar uma obra deixada de lado pela crítica da ficção machadiana, uma reflexão sobre questões significativas presentes na trama como a necessidade da permanência social em que se destaca a relação hierárquica de agregado e proprietário de terra.

É possível por meio da trajetória da protagonista e das relações de favor que a envolvem, compreender a sociedade brasileira oitocentista – palco dos acontecimentos de Casa velha – e nas entrelinhas notar a falta de humanidade em uma sociedade determinada pelo valor econômico e a hierarquização social como forma de distinção. A lógica do favor, nesse sentido, mostra-se como a mais possível forma de sobrevivência a uma condição miserável de vida. Evidenciam-se assim as corretas decisões tomadas por Lalau ao longo da narrativa, apesar de a dependência presente na relação de favor ser implícita devido ao interesse entre as partes, sendo assim o agregado ao obedecer, anula-se. Portanto, seguindo tal lógica, Lalau em sua trajetória apresenta momentos em que abre mão de seus desejos e determinações próprias, optando assim no fim da narrativa, por casar com o filho do segeiro.

### REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado. Casa Velha. São Paulo: Editora Ct, 2001.
- GLEDSON, John. Machado de Assis: ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1986.
- RONCARI, Luiz. Lúcia / Miguel: romance e crítica. São Paulo: Revista USP, 2015.
- SCHWARZ, Roberto. Ao Vencedor as Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

### AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pela compreensão e pelo apoio em todos os momentos.

À Rafaela, minha companheira de vida que, me incentivou e acreditou na minha pesquisa.

Ao Professor Dr. Marcos Hidemi de Lima, por toda generosidade, paciência e conversas inspiradoras ao longo do trabalho.

À UTFPR, pela concessão da bolsa e por ter permitido essa pesquisa acontecer.